

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélia Laquine / / Interpretação: André Chirindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.

O Preto (2021)

um filme de Ivo Mabjaia

Realização e aAgumento: Ivo Mabjaia / Montagem: JJ Nota / Direcção de Fotografia (preto e branco): Jorge Pacule / Técnico de Performance: Manuel Macuacua / Figurinista: Mamudo Dembo / Storyboard: Nélcia Laquine / / Interpretação: André Chirrindzane, Mey-Fon Ló, Karl Mogle, entre outros.

Produção: Afrocinemakers (Moçambique) / Produtores: Nelcia Laquine, Carla Casimiro / Cópia: DCP, versão original, sem diálogos, 6 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Mueda, Memória e Massacre (1979)

um filme de Ruy Guerra

Realização e Montagem: Ruy Guerra / *Direcção de Fotografia* (preto e branco): Ruy Guerra e Fernando Silva / *Interpretação:* Filipe Gunoguacala (Cassinuca), Romão Canapoquele (Faustino Vanomba), Baltasar Nchilema (Tac Tac Mandusse), Maurício Machimbuco (o intérprete), Alfredo Mtapunsunji (administrador de Mueda), Cassiano Cornélio (o aspirante), Antonio Jumba (o cabo) e outros.

Produção: Instituto Nacional de Cinema (República Popular de Moçambique) / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, legendada em português, 75 minutos / *Primeira apresentação em Portugal:* Semana do Cinema do Terceiro Mundo, Lisboa 1981.

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

Cumprindo o “arco narrativo” proposto no título do Ciclo – do cinema de Estado ao cinema fora do Estado –, esta sessão vai da origem do cinema moçambicano (**Mueda, Memória e Massacre** é considerada a primeira longa-metragem produzida no país após a independência, sendo o resultado directo de um ambicioso projecto político para o cinema da nova nação que chegou a envolver a participação de vários nomes sonantes como Ruy Guerra, Jean Rouch e Jean-Luc Godard) até à sua actualidade mais recente e desvinculada de qualquer ligação a uma supervisão estatal ou com suporte internacional (de produção rigorosamente independente, a curta metragem **O Preto** um filme que nos chega desacompanhado de qualquer “hype festivaleiro” pois vem de uma cinematografia hoje ainda mais periférica e cujo momento presente permanece quase inteiramente por descobrir fora das fronteiras moçambicanas).

Começando pelo fim, neste caso pelo mais recente **O Preto** que abre a sessão. Nesta curta muito breve filmada a preto a branco e com uma situação muito simples (e ao mesmo muito enigmática) – a câmara começa por nos mostrar um corredor ladeado por uma série de gabinetes, no qual vemos um grupo de indivíduos jazendo mortos/adormecidos no chão. Sentados e vestidos de forma mais formal, dois homens e uma mulher parecem deter completo poder sobre o grupo, acabando por eliminar a possibilidade de qualquer “despertar”. O realizador Ivo Mabjaia - um dos fundadores, com Jared Nota, do dinâmico coletivo Afrocinemakers (e de cuja produção exibimos neste Ciclo mais alguns filmes) - diz ter pretendido criar uma metáfora alusiva à corrupção numa sociedade adormecida, leitura que o filme obviamente possibilita sem se esgotar nela. Dando-nos pistas para “ler” a sociedade moçambicana contemporânea não através de uma forma mais “directa” de acesso a essa realidade mas sim de uma encenação ritualizada (no genérico do filme surge creditado um “técnico de performance”, forma de que o filme se aproxima mais do que de outros códigos cinematográficos), **O Preto** evoca de alguma forma o gesto fundador de Ruy Guerra em **Mueda, Memória e Massacre**.

Com o fim do regime colonial português e a obtenção da independência, Ruy Guerra regressava a Moçambique (recorde-se que aí nascera e vivera parte da sua juventude) para reatar os laços interrompidos pela sua partida para França, primeiro, para o Brasil, depois. É fácil imaginar a euforia com que Ruy Guerra deve ter retornado à sua terra natal, depois de duas décadas de auto-exílio e muitas expectativas quanto ao futuro da nova República Popular de Moçambique. Ao voltar a Moçambique, Guerra estava não só a cumprir o seu sonho de ver a libertação de um país adiado, como a prolongar a sua actividade de cineasta, oferecendo a sua já longa experiência a uma “África tão necessitada de imagens como de proteínas”. Posição inteiramente coerente com uma obra marcada desde o início por vincadas preocupações políticas e sociais. Nos anos que se seguiram a 1976, o realizador viria a ter um importante contributo na fundação do Instituto Nacional de Cinema (INC) e na concretização dos primeiros projectos cinematográficos de produção moçambicana. Digase desde já que este “intervalo” moçambicano (encerrado em 1981) corresponde a um período de forte compromisso político, com Ruy Guerra a adaptar-se ao projecto de um cinema colocado inteiramente “ao serviço do povo” e promovendo a sua educação política e cívica (e poderia haver outro num país com tantas limitações económicas e quase nenhuma tradição cinematográfica?). De entre os vários documentários que Guerra assinou para o INC, a maior parte acabou por não sobreviver às dificuldades e aos acidentes de preservação que minaram o património cinematográfico de Moçambique produzido durante esse período.

Pensado e feito com o objectivo muito concreto de assegurar a transmissão de uma memória viva sobre o passado recente de Moçambique junto da população do novo país, mas nem por isso menos interessante enquanto objecto cinematográfico, **Mueda, Memória e Massacre** documenta a reconstituição teatral popular do massacre perpetrado pelas forças coloniais portuguesas na localidade de Mueda em 16 de Junho de 1960, data que constitui um dos marcos históricos da luta pela independência desse país. A representação tem lugar nos próprios lugares do massacre e envolve a participação da população que o testemunhou. Como em **Um Povo Nunca Morre** (1980), filme posterior de Ruy Guerra, há um claro didactismo nas intenções do projecto, podendo esta recordação da luta nacional pela independência ser lida à luz de um objectivo político mais vasto: essa memória comum era o cimento que permitiria a construção de um sentimento de identidade nacional. Não nos esqueçamos que essa identidade estava fragilizada pelas muitas diferenças existentes entre as várias realidades culturais específicas que cabem no enorme território moçambicano.

Só que se, como **Um Povo Nunca Morre, Mueda** toma como ponto de partida uma *encenação*, ao contrário deste não recusa a possibilidade de alguma invenção formal (facilitada, aliás, pela muito maior riqueza narrativa e simbólica da sua matéria-prima). O texto da sequência de abertura é ainda excessivamente programático (as imagens dessa sequência, pelo contrário, são abstractas), mas assim que começa verdadeiramente a representação popular do massacre temos a impressão não de estar a assistir a uma lição de história mas a uma cosmogonia. O essencial de **Mueda** é essa poderosa e vivida recriação colectiva e espontânea de um acontecimento traumático. Tudo o mais que Ruy Guerra lhe tem que acrescentar (como a figura do militar-narrador que antecipa e explica a “acção”) apenas serve para delimitar a leitura política do episódio e da sua reconstituição. Ainda assim, saliente-se a justeza e adequação das imagens que registam a representação (e a ficcionalizam), a fazer pensar que Guerra viu nela o prolongamento dos pressupostos formais e dos propósitos do seu próprio cinema. Brechtiano sem o saber, o encenador anónimo e colectivo deste singular exemplo de arte dramática popular multiplica efeitos de distanciação. Saliente-se o modo espantosamente subversivo como são representados os funcionários da administração portuguesa (burocratas arrogantes enredados na pompa vazia dos seus gestos e discursos) e os soldados portugueses (ridiculamente servis em relação aos seus superiores, violentamente prepotentes com a população de Mueda). A recordação dos antigos opressores já só suscita o riso, com tudo o que este tem de verdadeiramente libertador. Terminada a representação e dispersados actores e público (e este fazia parte indissociável do espectáculo), regressa o didactismo com a repetição de palavras de ordem (“a luta do povo é justa”, “viva o povo unido”) durante uma acção de alfabetização.

Misto de sátira festiva, ritual colectivo de exorcismo e cerimónia cívica, **Mueda, Memória e Massacre** é uma peça fundamental para a história cultural pós-colonial de Moçambique e de Portugal.